

O ANTICRISTO DE LARS VON TRIER: TRAUMA INDIVIDUAL E VIOLÊNCIA HISTÓRICA

Giorgia Fiorini – Bolsista PIBIC – UFRGS
 Prof. Dra. Rita Terezinha Schmidt – Orientadora – UFRGS

Anticristo (2009)

Dirigido por Lars von Trier, o filme retrata os acontecimentos posteriores à morte de uma criança de dois anos (Nick) filha de um casal que não é nomeado. É dividido em seis partes (Prólogo, Sofrimento, Dor (O caos reina), Desespero (Feminicídio), Os Três Mendigos e Epílogo).

PRIMEIRA CENA (Prólogo):

Relação sexual entre casal → Presença do filho, que vê e não é visto → Morte: cai/se joga da janela da casa da família.

Procura-se analisar a questão do **protagonismo feminino** no filme a partir das seguintes hipóteses:

- **HIPÓTESE 1:** O filme em questão pode ser interpretado como uma denúncia ao modo como as mulheres, definidas pelo sistema sexo-gênero, têm sido historicamente injustiçadas pelo patriarcado e pelas instituições de poder-saber (FOUCAULT) que o mantêm. O foco da denúncia recai sobre a Igreja Católica e os feminicídios praticados a seu mando durante a Inquisição.
- **HIPÓTESE 2:** Existe, em muitos momentos de Anticristo, um embate, no nível alegórico, entre formas de conhecimento: o conhecimento racional científico, personificado pelo Homem, e os conhecimentos da história feminina e da natureza, personificados pela Mulher. Esse embate, segundo a minha hipótese, ilustra, em alguns diálogos, aspectos fundamentais relacionados ao pensamento ocidental.

LEITURA CRÍTICA da narrativa fílmica *Anticristo* (2009) | Enfoque multidisciplinar:

- história (BYINGTON; MURARO),
- psicanálise (CARUTH),
- teoria feminista (BEAUVOIR; DWORKIN),
- estudos cinematográficos (MULVEY; TARKOVSKI),
- estudos semióticos (LAURETIS).

Relação **sexo** | morte | culpa

Gatilho de **trauma** [personagem feminina]

Um **evento traumático** é uma experiência violenta – seja ela física ou simbólica –, em que as bases do sujeito são abaladas, causando, na estrutura psíquica do indivíduo, um profundo dano. O trauma não é verificável de outra forma a não ser pelos seus **SINTOMAS** que, na narrativa fílmica em questão, se manifestam no **corpo** da personagem, a partir da tensa relação explicitada acima.

Referências:

- BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v.
- BYINGTON, C. A. B. O martelo das feiticeiras: Malleus Maleficarum à luz de uma teoria simbólica da história. In: Kramer, H., & Sprenger, J., **O martelo das feiticeiras**, p. 19-41, 2002.
- CARUTH, Cathy. **Unclaimed Experience: Trauma and the possibility of history**. In: Yale France Studies, nº79. Literature and the Ethical Question. p.181-192.
- _____. **Introduction: recapturing the past**. In: Trauma: explorations in memory. Baltimore: JHU Press, 1995. p. 151-157
- DWORKIN, Andrea. **Woman hating**. New York: Dutton, 1974.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.
- LAURETIS, Teresa de. **Alice doesn't: Feminism semiotics cinema**. Bloomington: Indiana University Press, 1984.
- MULVEY, L. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (org.). **A experiência do cinema**.
- MURARO, R. M. Breve introdução histórica. In: **O martelo das feiticeiras**, 1991.
- TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- TRIER, Lars von et al. **Antichrist**. Array: Criterion Collection, 2010. (108 min).